

PIETRO UBALDI



**GRANDES
MENSAGENS**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

GRANDES MENSAGENS

I. MENSAGEM DO NATAL (Natal de 1931)	1
II. MENSAGEM DA RESSURREIÇÃO (Páscoa de 1932)	4
III. MENSAGEM DO PERDÃO Dia do “Perdão da Porciúncula” de São Francisco (2 de Agosto de 1932)	9
IV. MENSAGEM AOS CRISTÃOS (No XIX Centenário da Morte de Cristo)	18
V. MENSAGEM AOS HOMENS DE BOA VONTADE (No XIX Centenário da Morte de Cristo)	20
VI. MENSAGEM DA PAZ Escrita na Noite de Quinta-feira Santa, no Monte de Santo Sepulcro, diante do Verna. (Páscoa de 1943)	22
VII. MENSAGEM DA NOVA ERA (Natal de 1953)	25

Vida e Obra de Pietro Ubaldi (*Sinopse*)

I. MENSAGEM DO NATAL (Natal de 1931)

No silêncio da Noite Santa, escuta-me. Põe de lado todo o saber e tuas recordações; põe-te de parte e esquece tudo. Abandona-te à minha voz; inerte, vazio, no nada; no mais completo silêncio do espaço e do tempo. Neste vazio, ouve minha voz que te diz – ergue-te e fala: Sou eu!

Exulta pela minha presença; grande bem ela é para ti; grande prêmio que duramente mereceste. É aquele sinal que tanto invocaste deste mundo maior em que vivo e em que tu creste. Não perguntes meu nome; não procures individuar-me. Não poderias; ninguém o poderia. Não tentes uma inútil hipótese. Sabes que sou sempre o mesmo.

Minha voz, que para teus ouvidos é terna, como é amiga para todos os pequeninos que sofrem na sombra, sabe também ser vibrante e tonante, como jamais a sentiste. Não te preocupes; escreve. Minha palavra se dirige às profundezas da consciência e toca, no mais íntimo, a alma de quem a escuta. Será somente ouvida por quem se tornou capaz de ouvi-la. Para os outros, perder-se-á no vozear imenso da vida. Não importa, porém; ela deve ser dita.

Falo hoje a todos os justos da Terra e os chamo de todas as partes do mundo, a fim de unificarem suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao Céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos.

A divisão está no íntimo da consciência, e não no vosso aspecto exterior, visível. Todos os que sinceramente querem compreender o compreendem. Cada um, intimamente, conhece a si mesmo, sem que o próprio vizinho possa percebê-lo.

Minha palavra é universal, mas também é um apelo íntimo, pessoal, a cada um. Muitos a reconhecerão.

Uma grande transformação se aproxima para a vida do mundo. Minha voz é singular, porém outras se elevarão muito em breve, sempre mais fortes, fixando-se em todas as partes do mundo, para que o conselho a ninguém falte.

Não temas; escreve e olha. Contempla a trajetória dos acontecimentos humanos; ela se estende pelo futuro. Quem não está preso nas vossas férreas jaulas de espaço e tempo vê naturalmente o futuro. Isso que te exponho à vista é também coerente segundo vossa lógica humana e, portanto, vos é compreensível.

Os povos, tanto quanto os indivíduos, têm uma responsabilidade nas transformações históricas, que seguem um curso lógico. Existe um encadeamento de causas históricas que, se são livres nas premissas, são necessárias nas consequências.

A lei de justiça, aspecto do equilíbrio universal, sob cujo governo tudo se realiza, inclusive em vosso mundo, quer que o equilíbrio seja restaurado e que as culpas e os erros sejam corrigidos pela dor. O que chamais de mal, de injustiça, é a natural e justa reação que neutraliza os efeitos de vossos atos. Tudo é desejado, tudo é merecido, embora não estejais preparados para recordar o “como” e o “quando”. O vosso mundo está cheio de dor, porque é um mundo selvagem, lugar de sofrimento e de provas. Mas não temais a dor, que é a única coisa verdadeiramente grande que possuíis. Ela é o instrumento que tendes para a conquista de vossa redenção e de vossa libertação. Bem-aventurados os que sofrem, Cristo vos disse.

O progresso científico, principal fruto de vossa época, ainda avançará no campo material, no entanto está acumulando energias, riquezas e instrumentos para uma nova e grande explosão. Imaginai a que ponto chegará o progresso mecânico, ampliando-se ainda mais, se tanto já conseguiu em poucos anos! Não mais existirão, na verdade, distâncias; os diferentes povos de tal modo se comunicarão, que haverá uma sociedade única.

A mente humana, porém, troca de direção de quando em quando, vivendo ciclos e períodos. Nessas várias fases, ela deve defrontar diferentes problemas. O futuro contém não apenas continuações, mas também transformações, consequências de um processo natural de saturação. O vosso progresso científico tende a se tornar e se tornará tão hipertrófico – porque não contrabalançado por um paralelo progresso moral – que o equilíbrio não poderá ser mantido nos acontecimentos históricos. Tem crescido e, sem precedentes na história, crescerá cada vez mais o domínio humano sobre as forças da natureza. Um imenso poder terá o homem, que, para isso, não está preparado moralmente, pois a vossa psicologia, infelizmente, é, em substância, a mesma da tenebrosa Idade Média. Trata-se de um poder demasiadamente grande e novo para vossas mãos inexperientes.

O homem será dominado por uma tão alargada sensação de orgulho e de força, que se trairá. A desproporção entre o vosso poder e a altura ética de vossa vida se fará cada dia mais acentuada, porque cada dia transcorrido é irresistivelmente para vós, que vos lançastes nessa direção, um dia de progresso material.

As ideias são lançadas no tempo com uma massa que lhes é própria, tal como os bólidos no espaço. Eu percebo um aumento de tensão, lento porém constante, que preludia a inevitável explosão do raio. Esse impacto é a última consequência, mesmo de acordo com a vossa lógica, de todo o movimento. Desproporção e desequilíbrio não podem durar, e a vontade da Lei é que eles se resolvam num novo equilíbrio. Tal como a última molécula de gelo faz desmoronar o iceberg gigantesco, assim também de uma centelha qualquer surgirá o incêndio. Antigamente, dado que os povos viviam isolados, os cataclismos históricos podiam manter-se circunscritos; agora não. Muitos que estão nascendo irão vê-los.

A destruição, porém, é necessária. Somente será destruído o que é forma, incrustação e cristalização, tudo o que deve desaparecer, a fim de permanecer apenas a ideia, que sintetiza o valor das coisas. Um grande batismo de dor é necessário, a fim de que a humanidade recupere o equilíbrio livremente violado; grande mal, condição de um bem maior.

Depois disso, a humanidade, purificada, mais leve, mais selecionada por haver perdido seus piores elementos, reunir-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio, retomando, renovada, o caminho da ascensão. Uma nova era começará; o domínio será do espírito, e não mais da matéria, que será reduzida ao cativo. Então, aprendereis a nos ver e a nos escutar; desceremos em multidão e conhecereis a Verdade.

Basta por agora; vai e repousa. Voltarei; porém recorda que minha palavra é feita de bondade, e somente um objetivo de bondade pode atrair-me. Onde existir apenas a curiosidade, desejo de emoção, leviandade ou ainda céptica pesquisa científica, aí não estarei. Somente a bondade, o amor e a dor me atraem.

Eu presido ao progresso espiritual do vosso planeta, e, para o progresso espiritual, um ato de bondade tem mais valor que uma descoberta científica. Não invoqueis a prova do prodígio, quando podeis possuir a da razão e da fé. É vossa baixeza que vos leva a admirar, como sinal de verdade e poder, a exceção que viola a ordem divina. Tal aberração, se pode assombrar-vos e vencer-vos, a vós, anarquistas e rebeldes, constitui para nós, no Alto, a mais estridente e ofensiva dissonância; é a mais repugnante violação da ordem suprema em que repousamos e em cuja harmonia vibramos felizes. Não procureis semelhante prova; reconhecei-a, antes, na qualidade da minha palavra.

A todos digo: Paz!

II. MENSAGEM DA RESSURREIÇÃO (Páscoa de 1932)

De além do tempo e do espaço chega minha voz. É uma voz universal, que fala ao mundo inteiro e permanece verdadeira através dos tempos. A verdade não pode sofrer mudanças se olhada por esta ou aquela nação, se observada por uma raça ou outra, porque a alma humana é sempre a mesma em toda parte, se examinada em sua profundidade.

Venho a vós, na Páscoa, acima de tudo para iluminar e confortar, pois vos achais imersos numa vaga de dores. Crise a denominais e a imaginais crise econômica. Eu, porém, vos digo que se trata de uma crise universal, crise de todos os vossos valores morais, de todas as vossas grandezas. É o desmoronar-se de todo um mundo milenário. Digo-vos que a crise se encontra, sobretudo, em vossas almas; crise de fé, de orientação, de esperanças. É o vertiginoso momento de grandes mutações.

Trago-vos esperança, orientação, paz. A cada um falo hoje a palavra da verdade e do amor, palavra que não mais conheceis. Quero reconduzir-vos às origens milenárias da fé com o novo intelecto, nascido de vossa ciência. No dia da ressurreição, repito-vos a palavra da ressurreição, a fim de que possais compreender a dor e ultrapassar as estreitas fronteiras de vossa vida. Comovido, falo a cada um no sagrado silêncio de sua consciência.

Ó tu que lês, afasta-te por um momento dos inúteis ruídos do mundo e escuta! Minha voz não te atingirá através dos sentidos, no entanto tu, através desta leitura, senti-la-ás aflorar dentro de ti, na linguagem de tua personalidade. Minha voz, de modo diferente de todas as coisas, não chega do exterior, mas surgirá em ti por caminhos desconhecidos, como coisa tua, da divina profundidade que em ti existe e na qual também estou.

O universo é infinito, e de longe venho, atraído pela tua dor. Nada me atrai tanto como a dor, porque somente nela o homem se torna grande, se purifica e se redime, dirigindo-se para destinos mais elevados. É triste serdes assim golpeados, mas, somente sofrendo, podeis compreender a realidade da vida. Exulta, porque este é o esforço da tua ressurreição!

A quem sofre eu digo: “Coragem! És um decaído que, na sombra, reconquista a grandeza perdida”.

É a justa reação da Lei, que livremente transgredistes e que exige o retorno ao equilíbrio. Instrumento de ascensão, a dor vos aponta o caminho de

que fugistes, impondo-vos reabrirdes vossa alma, fechada pelas alegrias fáceis, que infelizmente vos cegam, para que alcanceis júbilos mais altos e verdadeiros. A dor é uma força que vos constrange a refletir e a buscar em vós mesmos a verdade esquecida. É a imposição de um novo progresso.

Abraça com alegria esse grande trabalho que te chama a realizações mais amplas. Se não fosse a dor, quem te forçaria a evolver para formas de vida e de felicidade mais completas?

Não te rebeles; pelo contrário, ama a dor. Ela não é uma vingança de Deus, e sim o esforço que vos é imposto para mais uma conquista vossa.

Não a amaldiçoes, mas apressa-te a pagar o débito, contraído pelo abuso da liberdade que Deus te deu para que fosses consciente. Abençoa essa força salutar, que, superando as barreiras humanas, sem distinção, transpõe todas as portas, penetra o que é secreto, e fere, e comanda, e dispõe, fazendo-se compreender por todos. Abraça a dor, amando-a, e ela perderá sua força. Aceita a indispensável escola das ascensões. Se te revoltares, tua força nada conseguirá contra um inimigo invisível, e a violência, em retorno, mais impetuosamente cairá sobre ti.

Coragem! Ama, perdoa e ressuscita! Não procures nos outros a origem de tua dor, mas sim em ti mesmo e arrepende-te. Lembra-te de que a dor não é eterna, pois constitui uma prova que dura enquanto a causa que a gerou não se esgotar. Tua dor é avaliada e não irá jamais além de tuas forças. O mundo foi criado para a alegria, e a alegria lhe voltará. Da outra margem da vida, outras forças velam por ti e te estendem os braços, mais ansiosas do que tu pela tua felicidade.

Falei com o coração ao homem de coração. Falarei agora à inteligência.

Tendes, ó homens, a liberdade de vossas ações, nunca a de suas consequências. Sois senhores de semear alegria ou dor em vosso caminho, e não o sois de alterar a ordem da vida. Podeis abusar, porém, se abusardes, a dor reprimirá o abuso. De cada um de vossos males, fostes vós mesmos que semeastes as causas.

O maior erro de vossos tempos é a ignorância da realidade moral, íntima orientação da personalidade, que é o fundamento da vida social.

O homem moderno se aproxima de seu semelhante para tomar-lhe alguma coisa, nunca para beneficiá-lo. A vossa civilização, que é econômica, está baseado no princípio “do ut des”, que é a psicologia do egoísmo. A força econômica está sempre regendo o mundo. A psicologia coletiva não é senão a

soma orgânica dessas psicologias individuais. A riqueza se acumula onde a força a atrai, e não onde a necessidade ou superiores exigências a reclamam; não constitui instrumento de uma vida de justiça e de bem, mas sim máquina de poder, representando em si mesma um objetivo. A lei de equilíbrio é constantemente violada e impõe reações. Ao invés de vós dominardes a riqueza, conduzindo-a para fins mais elevados, é a riqueza que vos domina.

Trabalhai, mas que o escopo do vosso trabalho, em vez de se reduzir apenas a proveitos isolados e egoístas, seja no sentido de frutificar no organismo social. Somente então se formará aquela psicologia coletiva, que é a única base estável da sociedade humana.

Fazei o bem, todavia lembrai-vos de que o pobre não deseja propriamente o supérfluo de vossas riquezas, mas sim que desçais até ele, que partilheis de sua dor e que, inclusive, a tomeis para vós no lugar dele.

Venerai o pobre; ele será o rico de amanhã. Apiedai-vos do rico, que amanhã será o pobre. Todas as posições tendem a se inverter, a fim de que o equilíbrio permaneça constante. A riqueza tende para a pobreza, e a pobreza para a riqueza. Ai daqueles que gozam! Bem-aventurados os que sofrem! Esta é a Lei.

Não confieis no mundo, que rirá convosco enquanto tiverdes força e bem-estar; confiai, antes, em mim, que venho quando sofreis e vos trago auxílio e conforto. Já vedes, hoje, que a dor realmente existe e que nem o ceticismo nem qualquer poder humano conseguem afastá-la.

Uma radical mudança se verificará na sociedade humana, a fim de que a vida não seja um ato de conquista, onde triunfe o mais forte ou o mais astuto, mas sim um ato de bondade e de sabedoria, em que seja vitorioso o mais justo. Investigando com vossa ciência, achareis no íntimo das coisas essa suprema lei de equilíbrio que vos governa; aprendereis que a bravura da vida não está em violar essa lei, semeando para vós mesmos reações de dor, mas sim em segui-la, semeando efeitos de bem. Deveis também aprender que o vencedor não é o mais forte – esse é um violador – mas sim quem segue conscientemente o curso das leis e, sem violência, se equilibra no seio das forças da vida. As religiões já vos revelaram isto, entretanto não acreditastes; a ciência o demonstrará, todavia não desejareis ver. O momento é decisivo. Ai de vós se, nesta vitória da civilização material em que viveis, desejardes ainda perseverar no nível do bruto.

O mundo está maduro, mas, ao mesmo tempo, encontra-se cansado das tentativas e experiências; cansado do irresolúvel emaranhado de vossos expe-

dientes; cansado de viver no momento, em face de um amanhã repleto de incógnitas; e quer seriamente prever e resolver os grandes problemas da vida, para olhar francamente o futuro, ainda que isso reclame uma grande coragem.

O mundo tem necessidade da palavra simples e forte da verdade, e não de novas astúcias a rolaem por velhos caminhos. O mundo espera essa palavra com ansiedade, como também a aguarda o momento histórico.

A psicologia coletiva tem o pressentimento, embora confuso, de uma grande mudança de direção; sente que o pensamento humano, não mais infantil, apresta-se para tomar as rédeas da vida planetária e que o homem vai substituir o equilíbrio instintivo e cego das leis biológicas por outro equilíbrio, consciente e desejado. Por isso está buscando a luz, para que seu poder não naufrague no caos.

Não está longe de desaparecer vossa psicologia experimental, que será substituída pela psicologia intuitiva, através da qual vossa ciência será conduzida muito mais adiante. Novos homens divulgarão a verdade; não mais os mártires cobertos de sangue ou os anacoretas de outrora, e sim homens de inteligência e de fé, que difundirão seus pensamentos utilizando-se de moderníssimos recursos, homens que servirão de exemplo no meio do turbilhão de vossa vida.

Despedaçai a férrea jaula que o passado construiu para vós, na qual já não vos resta espaço. Ousai abandonar os velhos caminhos, mas não ouseis loucamente, onde não há razão para ousadias; ousai na direção do alto e nunca ousareis demasiadamente. Do grande mar de forças latentes que não percebeis, imensa vaga levantará o mundo. Até lá, guardai a fé!

A vossa crise, se é profunda e dolorosa, fará, no entanto, nascer o homem novo do Terceiro Milênio¹. Para resolvê-la, recordai que ela é mal de substância e, por isso, não pode ser debelada através da correção da forma, como procurais fazer. Para solucioná-la, é necessário considerardes o problema em sua substância; e a sua substância é o homem, a sua psicologia e sua alma, onde se encontra a motivação de suas ações, a fonte original dos acontecimentos humanos. Eis aí a chave do futuro.

¹ O argumento do “homem novo do Terceiro Milênio”, produto biológico da evolução e tipo normal da super-humanidade do futuro, é amplamente desenvolvido em *A Nova Civilização do Terceiro Milênio. A Grande Síntese* também se refere ao homem espiritual do próximo milênio, nos Caps. 78, 83, 84, 85 etc.

Vosso multimilenário ciclo de civilização está-se esgotando. Deveis retomá-lo em nível mais elevado, para vivê-lo mais profundamente, não somente crendo, mas também “vendo”.

Ai de vós se, depois de haverdes atingido o domínio do planeta, não dominardes com um espírito puro a máquina, a riqueza e as vossas paixões.

Sois livres e podeis também retroceder. No período que resta deste século se decidirá o Terceiro Milênio. Ou vencer, ou morrer; e a morte, desta vez, é a morte pior, porque é morte de espírito. A todos eu digo: “Ressuscitai com a minha ressurreição”.

III. MENSAGEM DO PERDÃO

Dia do “Perdão da Porciúncula” de São Francisco (2 de Agosto de 1932)

Filho meu, minha voz não despreza tuas pequeninas coisas de cada dia, mas delas se eleva para as grandes coisas de todos os tempos.

Ama o trabalho, inclusive o trabalho material.

Coisa elevada e santa, o trabalho, presentemente, foi transformado em febre. De que não se tem abusado entre vós? Que coisa ainda não foi desvirtuada pelo homem? Em tudo vos excedeis e, por isso, ignorais o labor equilibrado, que, buscando o necessário ao corpo e, ao mesmo tempo, contentando o espírito, encerra tão elevado conteúdo moral. No entanto transformastes esse dom divino, com o qual poderíeis plasmar o mundo à vossa imagem, em tormento insaciável de posse. Substituístes a beleza do ato criador, completo em si mesmo, pela cobiça, que nunca descansa. Quantos esforços empregados para vos envenenar a vida!

Ama o trabalho, mas com espírito novo; ama-o, não pelo que ele é propriamente, mas sim como um ato de adoração a Deus; ama-o como manifestação de tua alma, nunca como febre de riqueza ou domínio. Não prendas tua alma aos seus resultados, que pertencem à matéria e, portanto, estão sujeitos à caducidade; ama, porém, o ato, somente o ato de trabalhar. Não sejam a posse e o triunfo a tua recompensa, mas sim a satisfação íntima de haveres cumprido cada dia o teu dever, colaborando assim no funcionamento do grande organismo coletivo.

Esta é a única recompensa verdadeira, indestrutível, solidamente tua; as demais depressa se dissipam e se perdem. Ainda que nenhum resultado positivo obtivesses, uma recompensa ficaria contigo para sempre: a paz do coração, paz que o mundo perdeu por se prender às coisas concretas, julgando-as seguras.

Desapega-te de tudo, inclusive do fruto de teu trabalho, se queres entrar na posse da paz. Ocupa-te das coisas da Terra, mas apenas o suficiente para aprenderes a desapegar-te delas.

Toda construção deve localizar-se no teu espírito, deve ser construção de qualidades e disposições da personalidade, e não edificação na matéria, que é um remoinho de areia onde nenhum sinal pode ser conservado.

Tudo quanto quiserdes que esteja unido a vós eternamente deve ser unido por qualidades e merecimento; deve ser enlaçado, não por vossa força exterior ou por vínculos das convenções sociais ou ainda por liames da matéria,

mas sim pela sutil força da Lei, movimentada por vós. Só nesse sentido se pode realmente possuir; de outro modo, não obtereis senão a tristeza que advém da ilusão e a consciência posterior da inutilidade de vossos esforços.

Outro grande problema que vos diz respeito é o amor. Elevai-vos em amor, como deveis elevar-vos em todas as coisas, se quereis encontrar profundas alegrias. Martelai vossa alma, num íntimo trabalho de cada dia, que vos leva à conquista de amores sempre mais extensos, únicos que têm a resistência das coisas eternas.

Sabes que o amor se eleva do humano ao divino e que, nessa ascensão, ele não se destrói, mas se fortalece, aperfeiçoando e multiplicando-se. Segue-me e, então, poderás entoar o cântico do amor:

“Meu corpo tem fome, e eu canto; meu corpo sofre, e eu canto; minha vida é deserta, e eu canto; não há carícias para mim, porém todas as criaturas vêm a mim. Meu irmão de mim se aproxima como inimigo, para me prejudicar, e eu lhe abro os braços em sinal de amor. Eu vos bendigo a todos vós que me trazei dor, porque com ela me trazeis a purificação, que me abre as portas do Céu. Minha dor é um cântico que me faz subir. Louvado sejas, ó Senhor, pelo que é a maior maravilha da vida. Que as pobres intenções malignas de meu próximo sejam para mim a Tua bênção”.

Estes meus ensinamentos são dirigidos mais à vossa intuição do que ao vosso intelecto. O que vos tenho dito tem um sentido mais amplo. A felicidade dos outros é vossa única felicidade verdadeira e firme. Isto significa a extinção dos egoísmos num amplexo universal de altruísmo. Tais conceitos podem ser de fácil compreensão, mas é difícil senti-los. Não procuro vossa razão, que discute, busco antes essa visão interior que opera em vós, que sente por imediata concepção, que enxerga com absoluta clareza e que se entrega lealmente à ação.

Peço-vos o ímpeto que somente nasce do calor da fé e que nunca vem pelos tortuosos caminhos do raciocínio. Não desejo erudição, pesquisas e vitórias do intelecto; quero, antes, que vejais num ato sintético de fé, que vivais imediatamente vossa visão, que personifiquéis a ideia avistada, que resplendais em vós mesmos seu esplendor. Somente então a ideia viverá na Terra e, personificado em vós, existirá um momento da concepção divina.

Não estou apelando para vossos conhecimentos nem para vosso intelecto, que não são patrimônios de todos, mas venho até junto de vós por caminhos inabituais e em vós penetro como um raio que, descendo às profundezas,

dissipa as trevas, cintila e vos arrasta através de novas vias, com forças novas, que levantarão o mundo como num turbilhão.

Falarei também, para ser entendido, a linguagem fria e cortante da razão e da ciência, porém usarei, acima de tudo, a linguagem ardente e direta da fé. Minha palavra será ora o brado de comando, ora a ternura de um beijo de mãe.

Para ser por todos compreendida, minha palavra percorrerá extremos de sabedoria e de singeleza, de força e de bondade. Será pranto de amargura e remoinho de paixão; será nostálgico lamento, suspirando por uma grande pátria distante, mas será também ímpeto de ação para vos reconduzir até ela. Minha palavra, por vezes, rolará como regato sussurrante em verde campina, a vos trazer o frescor das coisas puras; outras vezes tropejará como os elementos enfurecidos na fúria da tempestade.

Ao seio de cada alma quero descer e me adaptar, a fim de ser compreendido. Para cada uma delas, devo encontrar a palavra que a penetre no mais íntimo, que a abale, que a inflame e que a arroje para o alto, onde eu estou, conduzindo-a até junto de mim, onde a espero.

Almas, almas eu peço. Para conquistá-las, vim das profundezas do infinito, onde não existe espaço nem tempo; vim oferecer-vos meu abraço; vim de novo dizer-vos a palavra da ressurreição, para vos elevar até mim, para vos indicar um caminho mais elevado, onde encontrareis as alegrias puras.

De tal modo vos identificastes com a vida física, que já não podeis sentir senão uma vida limitada, como a do vosso corpo. Pobre vida, rápida e cheia de incertezas, enclausurada nas limitações de vossos pobres sentidos. Pobre vida, encerrada num ataúde, na sepultura que é o corpo, ao qual tanto vos agarrais. Minha voz encerrará todos os extremos de vossas diferentes psicologias. Escutai-me!

Não vos ensino a gozar das coisas terrenas, porque são ilusórias; indico-vos as alegrias do céu, porque somente estas são verdadeiras. Minha verdade não é a fácil verdade do mundo; não vos prometo alegrias sem esforços, mas minha promessa não vos ilude. Meu caminho é caminho de dor, porém eu vos digo que somente ele vos conduzirá à libertação e à redenção. Minha estrada é de luta e de espinhos, mas vos fará ressurgir em mim, que vos saciarei para sempre. Não vos digo: “Gozai, gozai”, como o mundo vos fala. O mundo, porém, vos engana, eu não vos enganaria nunca.

Minha verdade é áspera e nua, contudo é a verdade. Peço o vosso esforço, mas dou a felicidade. Digo-vos: “Sofrei”, mas junto de vós estarei no mo-

mento da dor; com piedade maternal, velarei por vós; medindo todo o vosso esforço, proporcionarei as provas segundo vossa capacidade; finalmente, farei o que o mundo não faz: enxugarei vossas lágrimas.

O mundo parece espargir rosas, mas, na verdade, distribui espinhos; eu vos ofereço espinhos, porém vos ajudarei a colher rosas.

Segui-me, pois o exemplo já vos dei. Levantai-vos, ó homens, é chegado o momento. Não venho para trazer guerra, mas sim paz; não venho trazer dissensão às vossas ideias nem às vossas crenças, mas sim fecundá-las com meu espírito e unificá-las na minha luz.

Não venho para destruir, e sim para edificar. O que é inútil morrerá por si mesmo, sem que eu vos dê exemplo de agressividade.

Desejaríeis sempre agredir, até mesmo em nome de Deus. Por discussões e lutas contra vossos próprios irmãos ansiais com grande avidez, sempre prontos a profanar assim minha palavra de pura bondade. Repito-vos: “Amai-vos uns aos outros”. Não discutais, mas dai o exemplo de virtude na dor; amai vosso próximo, aprendendo a estar sempre prontos para prestar um auxílio em qualquer parte onde haja um padecimento a aliviar, uma carícia a oferecer. Vossas eruditas investigações tornaram tão ásperas vossas almas, que não vos permitiram avançar um só passo para o céu.

Não venho para agredir, mas sim ajudar; não para dividir, mas sim unir; não para demolir, mas sim edificar. Minha palavra busca a bondade, antes que a sabedoria. Minha voz a todos se dirige. Ela é ampla como o universo, solene como o infinito. Descerá aos vossos corações, às vezes com a doçura de um carinho, outras vezes arrastadora como o tufão.



Do alto e de muito longe venho até vós. Não podeis perceber quão longo é o caminho que nós, puro pensamento, devemos percorrer, a fim de superar a imensa distância espiritual que nos separa de vós, imersos na terra lodosa. Vossas distâncias psicológicas são maiores e mais difíceis de serem vencidas que as distâncias de espaço e tempo. Por isso, às vezes, chego fatigado. Minha fadiga, porém, não provém do cansaço físico, mas sim do desalento que me nasce de vossa incompreensão. No entanto minha palavra tem a doçura da eternidade e do infinito, possuindo uma amplitude de tonalidade como jamais possuiu a voz humana, razão pela qual deveríeis reconhecer-me.

Venho a vós cheio de amor e de bondade, no entanto me repelis. Eu, que vejo os limites da história de vosso planeta; que, num rápido olhar, vejo sem

esforço toda a laboriosa ascensão desta humanidade, da qual sou pai; eu me faço pequenino hoje, limitando-me e encerrando-me num átimo de vosso momento histórico, para que possais compreender-me.

Se vos falasse com minha voz potente, não me entenderíeis. Meu olhar contempla a Terra quando o homem ainda não a habitava, e a vê também no futuro distante, morta, a navegar no espaço, como um ataúde de todas as vossas grandezas. Vejo vosso sol moribundo, depois morto e, em seguida, chamado a uma nova vida. Vejo, além desse átomo que é o vosso planeta, uma poeira de astros a revoltearem sem cessar pelos espaços infinitos, todos eles transportando consigo humanidades que lutam, sofrem, vencem e se elevam. Tudo vejo e tudo leio nos vossos corações, assim como nos corações de todos os seres.

Além do vosso universo físico, vejo um maior universo moral, onde as almas, na sua laboriosa ascensão, cumprindo seu diuturno esforço de purificação para o Alto, cantam o mais glorioso hino à Divindade. Esplendorosa luz existe no centro moral do universo, luz esta que atrai todos os seres por uma força de gravitação moral mais poderosa do que aquela que mantém associadas no espaço as grandes massas planetárias e estelares. Tudo vejo, mas nada falo, para não vos perturbar. Tudo vejo, e minha mão possante firma o destino dos mundos. Poderia mudar o curso dos astros, mas nós, que somos lei, ordem e equilíbrio, não aprovamos violações. Empunho o destino dos povos e, no entanto, venho humildemente até vós, para entre vós colher o perfume que se desprenda de uma alma simples. Esse é meu único conforto quando desço ao vosso mundo, às camadas profundas e obscuras da matéria densa, formadas de coisas baixas e repugnantes. Tal perfume parece perder-se na vossa atmosfera, carregada de emanações perniciosas, como que vencido pelas forças envolventes do mal. No entanto eu o percebo, elegendo-o, e o recolho como uma joia humilde e gentil, desabrochada na lama, para guardá-lo em meu coração, onde ele repousará. É o único carinho que encontro em vosso mundo, o único hino puro e singelo que me faz descansar. Assim como a criancinha repousa aos cânticos de sua mãe, que lhe parecem os mais belos, também me acalento, invadido por infinita doçura, no seio dessas vozes humildes, dispersas em vosso mundo.

Essa é a única trégua em meio ao trabalho de vos iluminar e guiar, ó homens rebeldes, que acreditais dominar, mas sois dominados; que pensais subir, mas, na verdade, desceis. Eu poderia, contudo, atemorizar-vos por meio de prodígios, aterrorizar-vos com cataclismos. Seria isto, no entanto, capaz de

vos convencer? Sobre vós, que sois maus, minha mão se levanta como uma bênção, nunca para vinganças.

Escutai com atenção esta grande palavra. Eu desejo que o equilíbrio, violado pela vossa maldade, seja restabelecido pelos caminhos do amor, e não pelo castigo. Compreendeis a grande diferença?

Eis as razões da minha intervenção, fazendo-me presente entre vós.

Trata-se da Lei, e a Lei quer o equilíbrio. Vós a desrespeitastes com vossas culpas, ultrajando assim a Divindade. O equilíbrio “deve” restabelecer-se; a reação “deve” verificar-se; o efeito “deve” acompanhar a causa por vós livremente buscada.

Deus vos quer livres, já o sabeis. Pois bem, eu venho para que o equilíbrio se restabeleça pelos caminhos do amor e da compreensão; para vos incitar, com palavras de fogo, ao entendimento; para vos estimular a retomar livremente a via da redenção. Venho enfim vos ensinar a fazer de vossa liberdade um uso que vos eleve e salve, e não que vos rebaixe e condene. Venho tornar-vos conscientes dessa lei que vos guia e da maneira de restaurardes a ordem violada, a fim de que essa violação não venha a recair sobre vós, como tremendo choque de retorno, que destruirá vossa civilização.

Venho para vos salvar, para salvar o que de melhor possuíis, o que faticosamente os séculos têm acumulado, ao preço de muitas dores e de muito sangue.

Entre vós e a necessidade férrea da Lei, que volve inexoravelmente ao equilíbrio, interponho hoje o meu amor e a minha luz, como já interpus a minha dor e o meu martírio!

Homens, tremei! É supremo o momento. É por motivos supremos que do Alto desço até vós. Escutai-me: o mundo será dividido entre aqueles que me compreendem e me seguem e aqueles que não me compreendem e não me seguem. Ai destes últimos! Os primeiros encontrarão asilo seguro em meu coração e serão salvos; sobre os outros a Lei, não mais compensada pelo meu amor, descera inelutavelmente, e eles serão arrastados por um vendaval sem nome para trevas indescritíveis.

Não vos iludais, reconheci a minha voz. Reconhecei-a pela sua imensa tonalidade, pela sua bondade sem fronteiras. Algum homem, porventura, já falou assim? Falo-vos de coisas singelas e elevadas, de coisas boas e terríveis. Sou a síntese de todas as verdades.

Não me oponhais barreiras em vossas almas, mas escutai, ponderai e deixai que este raio de luz, vindo de Deus, desça à vossa consciência e a ilumine. Eu vo-lo rogo, humilhando-me em vossa presença. Humildemente, para vossa salvação, eu vos suplico: escutai a minha voz!

Que sobre vós desça a paz! Que a paz, não mais conhecida por vós, chegue até vossas almas! Entre vós e a divina justiça está minha oração: “Deus, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

Pobres seres, perdidos na escuridão das paixões; pobres seres, que tomais por luz verdadeira o ouropel fascinador das coisas falsas da Terra! Pobres seres, maus e perversos! No entanto sois meus filhos e, por amor de vós, subiria de novo à cruz, para vos salvar. Pobres seres que, numa vitória efêmera na matéria, chamada por vós de civilização, haveis perdido completamente o único repouso do coração: a minha paz.

Escutai-me. Falo-vos com amor, imenso amor. Fui por vós insultado e crucificado, e vos perdoei; perdoo-vos ainda e ainda vos amo. Trago-vos a paz. Até junto de vós retorno para vos falar de uma ciência que a vossa não conhece; para vos pronunciar a palavra que nenhum homem sabe falar, palavra que vos saciará para sempre. Escutai-me!

Minha voz conduzirá vosso coração a um tal êxtase, que nenhuma vitória material nem qualquer grandeza do mundo jamais vos poderá dar.

Como um clarão intuitivo, minha luz espargirá sobre vós uma compreensão a que os laboriosos processos de vossa razão jamais chegarão. A razão, filha do raciocínio, discute e calcula, mas eu sou o clarão que em vós se acende e pode, num átimo, transformar-vos em heróis. Aceitai, suplico-vos, este supremo dom que vos ofereço e pelo qual vim de tão longe até junto de vós; aceitai esta dádiva esplêndida, que é a minha paz. É a bem-aventurança do Céu que vos trago de mãos cheias; é a felicidade que coisa alguma terrena jamais vos poderá dar. Reconhecei a minha paz! Para recebê-la, deveis abrir todas as portas de vossa alma! Saciai-vos e inebriai-vos com ela! É um dom imenso que vos trago do seio de Deus; é uma graça com a qual o meu imenso amor recompensa a vossa ingratidão.

Até vós eu venho, trazendo os mais lindos dons, para derramar sobre vossas almas a verdadeira felicidade. Venho para suavizar a justiça divina. Fiz longa e fátigante viagem, do meu céu radioso às vossas trevas. Vim espontaneamente, pelo amor que vos consagro. Não renoveis as torturas do Getsêma-

ni, as angústias da incompreensão humana, os tormentos de um imenso amor repellido.

Quem sou eu, perguntais-me.

Sou o calor do sol matinal que vela o desabotoar da florzinha, desapercibida por todos; sou o equilíbrio que, na variação alternada dos elementos, garante a vida para todos. Sou o pranto da alma quebrantada, em que desabrocha a primeira visão do divino; sou o equilíbrio que, nas mudanças dos acontecimentos morais, promete a todos salvação; sou o rei do mundo físico de vossa ciência; sou o rei do mundo moral que não vedes.

Sempre me procurais em toda a parte, no entanto sempre mais profundamente vos escapo – de fibra em fibra, de molécula em molécula – nas vossas mesas de anatomia, em vossos laboratórios. Vós me procurais, dilacerando e dissecando a pobre matéria, mas eu sou espírito, que anima todas as coisas. Podereis encontrar-me, porém não com os olhos e os instrumentos materiais, mas tão somente com os olhos e os instrumentos do espírito.

Sou o sorriso da criança e a carícia materna; sou o gemido daquele que corre, implorando salvação; sou o calor do primeiro raio de sol da primavera, que traz a vida; sou o vendaval que traz a morte; sou a beleza evanescente do momento que foge; sou a eterna harmonia do universo.

Sou amor, sou força, sou ideia. Sou espírito, que tudo vivifica e está sempre presente. Sou a lei que governa o organismo do universo com maravilhoso equilíbrio. Sou a força irresistível que impulsiona todos os seres para a ascensão. Sou o cântico imenso que a criação entoia ao Criador.

Tudo sou e tudo compreendo, até o mal, porquanto o envolvo e o limito aos fins do bem. Meu dedo escreve, na eternidade e no infinito, a história de miríades de mundos e vidas, traçando o caminho ascensional dos seres que para mim se voltam, seres que atraio com meu amor e que recolherei na minha luz.

Muitos mundos já vi antes do vosso e muitos verei depois dele. Vossas grandes visões apocalípticas, para mim, são pequeninas encrespaduras nas dimensões do tempo. Virei, entre raios de tempestade, para dobrar os orgulhosos e elevar os humildes. Virei vitorioso na minha glória e no meu poder, triunfando sobre o mal, que será rechaçado para as trevas.

Tremei então, pois, quando eu já não for o amor que perdoa e vos protege, serei o turbilhão que tempestua; serei o desencadear dos elementos sem peias; serei a Lei, que, não mais dominada pela minha vontade e trazendo consigo a ruína, inexoravelmente explodirá sobre vós.

Tudo é conexo no universo: causas físicas e efeitos morais, causas morais e efeitos físicos. Um organismo aglutinador vos envolve. Nele estais presos em cada ato vosso.

Minha poderosa mão firma o destino dos mundos, no entanto sabe descer até à mais humilde criancinha, para lhe suster carinhosamente o pranto. Essa é minha verdadeira grandeza.

Ó vós que me admirais, tímidos, no ímpeto da tempestade, admirai-me, antes, no poder que tenho de fazer-me humilde para vós, no saber descer do meu elevado reino à vossa treva; admirai-me nessa força imensa que possuo de constranger meu poder a uma fraqueza que me torna semelhante a vós.

Não vos peço para compreenderdes meu poder, que me situa longe de vós; rogo-vos para compreenderdes o meu amor, que me assemelha a vós e me coloca ao vosso lado. Meu poder poderá desalentar-vos e atemorizar-vos, dando-vos de mim uma ideia não justa, de um senhor vingativo e despótico. Não quero vossa obediência por temor. Agora deve despontar uma nova aurora de consciência e de amor. Deveis elevar-vos a uma lei mais alta, e eu retorno hoje para anunciar-vos a boa nova. Não sou um senhor vingativo e tirânico, como me supuseram outrora, por necessidade, os povos antigos; sou o vosso amigo, e é com palavras de bondade que me dirijo ao vosso coração e à vossa razão.

Não mais deveis temer, mas sim compreender. Vossa razão infantil já acordou, e nela venho lançar minha luz. Sou síntese de verdade, e em toda a parte ela surgirá, atingindo a luz da vossa inteligência.

Não trago combates, mas paz. Não trago divisões de consciência, mas sim união de pensamentos e de espíritos.

A humanidade terrestre aproxima-se de sua unificação, numa nova consciência espiritual. Não vos insulteis, portanto, e sim compreendei-vos uns aos outros. Que cada um concorra com o seu grãozinho para a grande fé, e que esta vos torne todos irmãos.

Unam-se estreitamente a religião, que é revelação minha, a ciência, que é o vosso esforço, e todas as vossas intuições pessoais numa grande síntese, e seja esta uma síntese de verdade.

Porque eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.

IV. MENSAGEM AOS CRISTÃOS (No XIX Centenário da Morte de Cristo)

Ó cristãos do mundo inteiro, que tendes feito, em dezenove séculos de trabalho, pela realização, na Terra, do Reino dos Céus?

Ao lado da criação de uma civilização, da direção milenária aplicada ao pensamento humano, das obras de arte colossais, de uma multidão de mártires, gênios e santos, ao lado de todo bem que o cristianismo tem trazido por força da divina centelha que o anima, quanto mal proveniente da fraqueza humana, em cujo meio tem operado! Quanta resistência tendes oposto a esse divino impulso que anseia por nos elevar! Quanta tenacidade vossa para permanecerdes substancialmente pagãos! Quantas tempestades não tem o homem desencadeado, com suas paixões, em torno da nave da Igreja de Roma!

A dura necessidade de comprimir o incoercível pensamento na forma, através de regras disciplinares, e de cobrir a verdade resplandecente com um véu de mistério foi imposta por vosso instinto de rebeldia, que, de outro modo, teria levado o princípio original a se fragmentar no caos.

Algumas elevadas verdades que o cristianismo contém não puderam exercer ação simplesmente devido à imaturidade dos homens. Certas liberdades não podem ser concedidas àqueles que estão sempre prontos a abusar de tudo. Que imenso esforço deve realizar e quão longo caminho deve percorrer a ideia divina até poder concretizar-se na Terra!

Nunca vos interrogastes quão imensa força moral representaríeis no mundo, se fôsseis verdadeiramente cristãos? Nunca a vós mesmos perguntastes que paraíso seria a Terra, se houvésseis compreendido e praticado a boa nova do amor evangélico? Em vez disso, que triste espetáculo! A palavra de unidade subdividiu-se, o rebanho está desunido, os filhos de Cristo já não são irmãos, mas inimigos!

É chegada a hora de despertardes à luz de uma consciência maior. O tempo maturou o momento de grandes abalos, inclusive no campo do espírito. E, no momento decisivo, eu venho lançar no mundo a ideia decisiva. Venho vos reunir todos, ó cristãos do mundo, a fim de que, acima da forma que vos divide, vos aconchegueis em torno da figura de Cristo e encontreis de novo uma unidade substancial.

Isso vos digo em Seu nome, quando se completam dezenove séculos de Sua morte e a história se encaminha para o Terceiro Milênio. Digo-vos que,

em face da ameaça do iminente momento histórico, deveis abraçar-vos novamente, a fim de que vossa união constitua uma barreira contra o mal, pois este se prepara para desencadear um tremendo ataque. As grandes lutas exigem grandes unificações.

Não toco em vossas divisões de forma, mas enfatizo a substância da ideia de Cristo, da qual todas vossas crenças nasceram. Quero que se vivifique a fé, desfalecente em vossas almas; que se reanime a crença nas coisas eternas, já escritas com tanta simplicidade; que de novo viva e vos torne todos irmãos o singelo espírito do Evangelho. É somente disso que o mundo precisa, e essa é a solução para todas as crises. Não são necessários novos sistemas; é preciso que surja o homem novo.

Eu venho para unir, não para dividir; trago paz, e não guerra. Não toco em vossas organizações humanas, mas vos digo: amai-vos em nome do Cristo, e vossas organizações se tornarão perfeitas.

Antes do início do novo milênio, todos os valores humanos sofrerão uma grande revisão e a fé se enriquecerá com a contribuição da razão e da ciência. Na iminência dos tempos, que toda a cristandade volva seu olhar para o farol de Cristo.

Vinde todos vós, ó homens que vos iludis, pensando possuir uma verdade diferente. Deus é a verdade única – substancialmente idêntica em todas as religiões – tanto na ciência como na fé.

Se os caminhos nas aproximações são diferentes, o princípio e a meta são a mesma ideia pura e simples do amor fraternal, ideia tanto dominante no Evangelho como no universo. Os profetas afirmaram com variação de poder e de aspectos o mesmo princípio.

A humanidade se encaminha para as grandes unidades políticas e espirituais. Que não surjam novas religiões, mas sim que se unifiquem as existentes numa fusão de fé, que envolverá o mundo. O progresso se encontra no amor recíproco, que une, e nunca na rivalidade, que divide.

Paz, união e amor sejam convosco na minha bênção.

V. MENSAGEM AOS HOMENS DE BOA VONTADE (No XIX Centenário da Morte de Cristo)

Do alto da cruz vos contemplo, homens de boa vontade, de todas as raças e crenças. Estas vos dividem; a minha palavra vos unifica.

Não falo somente aos cristãos, mas também a todos os meus filhos, que são os justos da Terra, qualquer que seja sua raça ou fé. Falo a todos, não considerando vossas diferenciações humanas. Minha palavra é universal como a luz do sol. A Divindade não se pode isolar numa igreja particular. Eu vos digo o que é verdadeiro e justo, e o que vos falo perdura a quem quer que seja dito. A mentira que me desfigura passa, eu permaneço. Não importa que a bondade seja explorada pelos maldosos; o Bem acaba triunfando. Eu amo a todos.

Vós, homens, buscais bandeiras limpas, para transformá-las em mantos brilhantes. E quem pode impedir que, em vosso mundo de hipocrisias, os maus se escondam à sombra das coisas puras e que os falsos se acobertem sob os luzentes mantos de que se apossam? Então, as crenças e as religiões deixam de ser uma ideia, um princípio, para se tornarem um aglomerado de interesses, uma organização de castas.

Assim, formastes hierarquias, seitas, ordens e grandezas que não têm correspondência no Céu. Vossas classificações são absolutamente humanas, fictícias, consoantes com as aparências da Terra, e não com os valores intrínsecos do espírito. Por isso ficarão aí em vosso mundo, sem jamais se elevarem além da Terra.

Minha discriminação é diferente. Os escolhidos são aqueles que seguem meu caminho de dor e de renúncia, de humildade e de amor. Vinde a mim, vós que sofreis. Sois os grandes, os eleitos do Céu. Esta é a minha diferenciação. As que são feitas pelos homens não têm valor. Não importa o manto, mas o homem que o veste. Somente no caminho da dor e do amor encontrareis os que são grandes no meu Reino. Eis onde, na luta absurda entre tantas vozes e organismos contrários, achareis o bem, a justiça e a verdade.

Em toda parte, nos vossos agrupamentos, encontram-se os bons e os maus; estes últimos, quase sempre, preocupados em tornar objeto de discussão uma verdade que não possuem. A verdade está no coração e nos atos, e não nas formas e nas posições humanas.

Procurai o bem; procurai, onde quer que esteja, o homem, nunca o estandarte. Fazei questão do homem, da nua e intrínseca realidade de seus valo-

res íntimos, e não dos sinais que o marquem exteriormente. Estes se podem falsificar, não o homem. A bandeira pode reduzir-se a um índice de interesses coletivos; o homem, porém, segue sozinho pelo caminho de seu destino.

Justos e injustos se encontram sobre a Terra, uns ao lado dos outros, para provações recíprocas; achá-los-eis juntos, usando todos o mesmo nome da verdade. Somente eu, que leio nos corações, os diferencio, como também pode fazê-lo a voz da vossa consciência, em que penetro e falo.

Os meus filhos estão, por isso, em toda a parte, contudo não os sabeis enxergar. Só eu os vejo. A dor e a morte, que matam os outros, os elevam. A minha maneira de diferenciar está acima de todas as categorias humanas.

O meu reino não é da Terra. O meu reino não tem corpo físico. Os grandes do meu reino nada possuem no mundo, mas sofrem e amam.

Minha religião mais profunda não tem forma terrena, não possui nenhuma dessas exterioridades próprias da matéria e da imperfeição humana, que sempre foram a base de todos os abusos.

O meu altar é a dor, a minha oração é o amor, a minha religião é a união com Deus no pensamento e nos atos.

Acima de todas as formas que vos dividem, ó homens da Terra, eu sou o princípio que vos une ao meu amor.

VI. MENSAGEM DA PAZ

Escrita na Noite de Quinta-feira Santa, no Monte de Santo Sepulcro, diante do Verna. (Páscoa de 1943)

Minha última mensagem, pela Páscoa de 1933, XIX Centenário da morte de Cristo, dirigida, em dois momentos, aos Cristãos e aos homens de boa vontade, foi minha derradeira palavra naquele ciclo de preparação e esperança.

Já se encontram amadurecidos muitos acontecimentos ali preanunciados.

Até junto de vós retorno nesta Páscoa de 1943, após dez anos, na violenta constrição de uma dor que parecia impossível, mas que se tornou realidade. Venho trazer conforto aos homens e aos justos, àqueles que creem. Venho dizer, no seio tumultuoso da destruição universal, a equilibrada palavra de paz. É esta, por isso, a mensagem da paz.

Tende fé, e a fé vos fará superar todas as provas. Deus as permite para que aprendais a usar de vossa liberdade, e não para vossa destruição. Não vos desgareis no caos, que é só aparente. Imersos como estais no pormenor, na aflição, na fadiga, não enxergais e não compreendeis o bem que existe além da aparência do mal.

Deus, no entanto, invisível e onipresente, está ao vosso lado, caminha convosco, acompanha os vossos passos e vos guia; sempre vos provê, além da aparente desordem, com a ordem imensa e eterna de Suas sábias leis. Sua mão se inclina para o humilde, para o fraco, para o vencido, a fim de erguê-lo de novo. Que vos conforte esta afirmação de uma divina lei de justiça acima da lei humana da força.

Diante de dois caminhos vos deixei, e fizestes a escolha. O mundo tem a prova que livremente desejou.

Desde que vos deixei, o mundo tem percorrido velozmente o caminho da história. O mais profundo caminho e a mais proveitosa lição se encontram na dor, escola e sanção de Deus.

Repousareis. Assim é necessário, a fim de que os resultados do esforço desçam em profundidade e sejam assimilados. Não vos detenhais, no entanto, nos pormenores do momento ou do caso particular, que não constituem toda a vida. Esta se encontra nas grandes trajetórias de desenvolvimento da Lei, em que se exprime o pensamento de Deus.

Somente se vos elevardes, encontrareis a verdade universal, imóvel no movimento, a justiça perfeita. Somente se vos transportardes acima das con-

tingências do momento e do lugar, achareis a completa liberdade, a tranquilidade do absoluto, a paz que está acima da vitória ou da derrota, a verdadeira paz, tão distante das coisas humanas.

Elevar-se é a grande meta da vida – elevar-se pelos caminhos do espírito – e esse trabalho, sempre possível e livre, pode ser seguido e levado a termo em qualquer época ou lugar. Ninguém, em nenhum caso, pode tolher a liberdade de vos construídes a vós mesmos, avançando assim em qualidade e poder. E esta ascese é o que mais importa; é para atingi-la que sofreis as provas da vida.

Após cada curva da história, obtém-se seu sumo, sua verdadeira colheita, que é a ascensão.

As verdadeiras riquezas não se encontram fora de vós, mas sim em vosso íntimo, e são elas que vos fazem mais poderosos e felizes. São constituídas por vossos bons predicados, que nunca se perderão, e não por vossas posses materiais, que hão de desaparecer.

Seja qual for o turno de vencedores ou vencidos, suceder-se-ão, como vaga após vaga, as multidões dos que sofrem e dos que gozam. O triunfo, então, pode ser instrumento de perdição e a desventura, de ressurreição. Nenhuma vida, como nenhuma força, pode ser anulada; tudo sobrevive, transformando-se. Substancialmente, a guerra a ninguém destrói.

Minha palavra, repetindo a lei de Deus, que rege a vida e está acima do mundo e de suas lutas, diz: ai de quem, possuindo apenas a superioridade da força, dela abusa, esquecendo a justiça. Tudo é compensado na Lei e se paga com longas reações sucessivas de ódios e vinganças.

A palavra do equilíbrio ensina ao vencedor que não é lícito abusar da vitória, pois paga-se por isso, e indica ao vencido os caminhos do espírito, em cuja liberdade é possível restaurar as próprias forças em face de qualquer escravidão exterior. O primeiro acomete as fronteiras naturais da força; o segundo, nas privações, encontra a liberdade.

O sol voltará a brilhar e a vida florescerá de novo após a tempestade. É lei de equilíbrio. O importante, sobretudo, é aprender a lição. Que cada um guarde, na profundidade do espírito, com o poder de uma convicção, de uma qualidade adquirida, o fruto de tantas provações. Mas que a nova floração da vida não irrompa numa algazarra louca de carne satisfeita, numa orgia de matéria triunfante.

O escopo da guerra e o conteúdo da vitória não se acham no triunfo material, mas sim no triunfo do espírito, numa nova civilização.

Ai de vós, se não houverdes aprendido a dura lição e não mudardes de roteiro. Se, em vez de subirdes pelos caminhos do espírito, voltardes a palmi-lhar as velhas estradas, haveis de recair sob as mesmas dolorosas consequên-cias, cada vez mais graves.

Minha voz é universal e se desvia das dissensões humanas. Tem às ve-zes, no entanto, necessidade de descer. Diz-se, então, com escândalo: Deus é parcial. Mas há uma balança, um reflexo de justiça, uma ordem também na história, e nela devem atuar. A imparcialidade absoluta seria indiferença e au-sência de Deus. A justiça e a ordem, que são os princípios do ser, devem des-cer também à Terra e aí operar, pesando sobre o mal e vencendo-o no choque das forças.

De outro modo, Deus estaria somente no Céu, e não presente e ativo também no mundo, entre vós, no meio de vossas lutas. Estas são guiadas por Ele, a fim de que não se reduzam à absoluta destruição e caos, mas sejam ins-trumento de construção e de bem. Ele as guia, para que as provas e as dores do mundo redundem num fruto, que é a ascensão de espírito, objetivo de vida.

Deixo-vos, por isso, para conforto dos justos, estas verdades. O vosso esforço – mesmo não podendo ser senão individual e isolado – quando se diri-ge de modo puro e sincero ao supremo escopo da elevação espiritual, também se encontra na trajetória da vida, sendo, por isso, protegido e encorajado, por-que essa é a trajetória ordenada pela lei de Deus. Por essa mesma lei, segundo a qual o universo está construído e tem seu funcionamento orgânico regulado, as forças do mal, embora todas as dificuldades e resistências, jamais poderão prevalecer sobre as forças do bem.

É fatal, pois, o triunfo final do espírito, e no espírito vencereis. Essa vi-tória vale a imensa dor que é seu preço.

Amplamente já está sendo executado o plano divino da vida.

VII. MENSAGEM DA NOVA ERA (Natal de 1953)

No silêncio da noite santa, como te falei pela primeira vez para iniciar a obra, volto a falar-te agora, após tantos anos.

Retorno em meu ritmo decenal, iniciado na Páscoa de 1933 com a “Mensagem aos Homens de Boa Vontade” e a “Mensagem aos Cristãos” e prosseguindo na Páscoa de 1943 com a “Mensagem da Paz”.

Desta vez, dez anos depois, neste 1953, volto a vos falar, porém no Natal, porque este é dia de nascimento e esta é a mensagem nova; no Natal, como aconteceu em 1931, porque, após todas as outras mensagens pascais, esta é a que conclui a série.

Venho trazer-vos a palavra da esperança, porque, no caos do mundo, estão despontando as novas e primeiras luzes da alvorada. O tempo caminha, e já entrastes na segunda metade do século, quando se realizará o que foi predito em minha primeira mensagem, no Natal de 1931.

Haveis entrado, assim, na fase de preparação ativa da nova civilização.

Venho falar-vos na hora assinalada pelo ritmo que preside ao desenvolvimento ordenado dos acontecimentos, de acordo com a vontade do Alto.

O trabalho avançou firme e constante nestes vinte anos que estão terminando, através de tempestades que destruíram nações e modificaram o mapa político do mundo; avançou resistindo a tudo, constante e firme, como sucede com as coisas desejadas pelo Alto. O trabalho prosseguiu, escondido no silêncio, protegido pela sombra da indiferença geral, aparentemente confiado a um homem pobre e sozinho, com mínimos recursos humanos, vencendo apenas com as forças da sinceridade e da verdade, da maneira mais humilde e simples, enquanto as vossas maiores organizações humanas desmoronavam. Hoje o milagre se cumpriu. Esta é para nós a prova de verdade.

Tendes hoje diante dos olhos um sistema completo, que, com um princípio unitário, soluciona todos os problemas e traz resposta a todas as perguntas. Tendes hoje a orientação que vos fornece a chave para explicar os enigmas do universo. Podeis usá-la, desde já, também pessoalmente, para continuar a pesquisa ao infinito no particular analítico. As gerações passarão, contemplando a ciclópica construção de pensamento elevada para o Alto na hora do destino do mundo.

Do vértice da pirâmide uma luz resplandecerá para iluminar o mundo: esta luz se chama Cristo.

As gerações caminharão, caminharão pela interminável estrada do tempo e verão de longe o farol que lhes indica o roteiro. Então o indicarão uns aos outros, dizendo: “Coragem!”. Áspera é a dor e longa a estrada da evolução, mas temos um condutor. Do Alto, o Cristo nos olha e nos fala. Não estamos sozinhos. Ele está conosco. A Seus pés, como pedestal, está a pirâmide do conhecimento, feita de pensamento, que é a Sua luz.

À fase mais elementar da fé sucedeu a fase mais avançada do conhecimento, com que se completa o amor. E, com o conhecimento, Cristo retorna à Terra para realizar o Seu Reino, fundado há vinte séculos.

O ritmo das mensagens teve início no Natal de 1931, continuou no Natal de 1932 e terminou na Páscoa de 1933 (XIX Centenário da morte de Cristo), só reaparecendo depois em ritmo decenal.

A primeira mensagem apareceu no final de 1931, como o corpo de Cristo foi sepultado na tarde da Sexta-feira Santa. As mensagens continuaram a aparecer em 1932, como o corpo de Cristo continuou a jazer no sepulcro no Sábado Santo. Terminaram com a última mensagem, na Páscoa de 1933, centenário de Sua morte, como seu corpo ressuscitou na alvorada do 3o dia. Retornaram depois em um ritmo de dez anos e agora completam vinte anos, equivalentes aos vinte séculos transcorridos desde então.

Indico-vos estas harmonias, para vos fazer compreender sua significação. Meu instrumento as ignorava e não as poderia ter projetado, pois o Alto não lhe havia dado conhecimento sobre elas. O que é harmônico desce do Alto, o que é dissonante provém de baixo.

Esta mensagem de hoje corresponde ao fim do II Milênio e vos lança nos braços do terceiro, da nova civilização. Isso corresponde ao terceiro dia, na aurora do qual se deu a ressurreição.

Que esta imprevisível concordância de ritmos, esta musicalidade também na forma da gênese da obra, constituam para vós uma prova da verdade.

Esta mensagem vos lança nos braços do III Milênio; por isso ela é a “Mensagem da Nova Era”. O mundo materialista está freneticamente lutando pela sua autodestruição. O dragão será morto pelo seu próprio veneno.

A vida, que jamais morre, está-se preparando para substituir o mundo velho pelo novo: o reino do espírito, em cuja realização Cristo triunfará. A humanidade tem esperado dois mil anos pela Boa Nova, mas finalmente chegou a hora de sua realização. A vida se utilizará das tempestades que as forças

do mal se preparam para desencadear, a fim de purificar-se. Aproveitar-se-á da destruição, para reconstruir em nível mais alto.

Repito, assim, a palavra da primeira Mensagem do Natal de 1931: “A destruição é necessária (...) Um grande batismo de dor é necessário, a fim de que a humanidade recupere o equilíbrio, livremente violado; grande mal, condição de um bem maior. Depois disso, a humanidade, purificada, mais leve e mais selecionada, por haver perdido seus piores elementos, reunir-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio, e retomará, renovada, o caminho da ascensão. Uma nova era começará; o espírito terá o domínio, e não mais a matéria, que será reduzida ao cativo (...).”

Encontrais, assim, as mesmas palavras, tanto no princípio como no fim. Hoje, porém, estais vinte anos mais avançados no tempo, isto é, na maturação dos acontecimentos. Hoje vos encontrais na plenitude dos tempos. Aque-la ideia, desenvolvida através das trilogias da obra, encaminha-se para tornar-se realidade.

A luciferiana revolta do ateísmo materialista está para desfechar contra Deus sua última batalha desesperada pelo triunfo absoluto, supremo esforço que redundará em sua ruína total. E Deus fará ver à humanidade aterrorizada, para o bem dos homens, que somente Ele é o senhor absoluto.

Estais ainda imersos em cerradas neblinas. Mas além delas já brilha o sol que está para despontar e inundar o mundo de luz e calor. A outra margem do novo reino está próxima, e a humanidade se prepara para nela desembarcar. O novo continente já aparece aos olhos do navegante experimentado, e a humanidade, após a grande viagem de dois milênios, pode gritar – “terra, terra!”.

Por isso, esta se pôde chamar a “Mensagem da Nova Era”, porque não mais vem anunciar a Boa Nova, mas a sua realização.

Assim como tudo, até aqui, cumpriu-se em ritmo inexorável, tudo continuará igualmente a cumprir-se. Com esta segunda mensagem decenal, está coberto o período do II Milênio, encerrando-se o ritmo preparatório do terceiro dia da ressurreição, correspondente ao III Milênio.

Agora, que vos conduzi até aqui, às portas do novo milênio, com esta mensagem, o ciclo das mensagens está concluído. Esse ciclo precedeu e acompanhou a Obra, que agora continua no hemisfério oposto àquele em que se iniciou, desenvolvendo-se nas praias das novas terras, onde nascerão as novas grandes civilizações do futuro.

A pirâmide aí está. Sua última pedra já foi colocada. Enquanto o mundo caminha sempre mais para o cumprimento, já agora fatal, do seu desejado destino, sobre aquela pedra pousarão os pés e se elevará a figura de Cristo, que, flamejante, iluminará qual farol a estrada dos viandantes em busca de luz, para orientá-los através do longo caminho das ascensões humanas.

Tende fé, tendes certeza. A Nova Era vos aguarda. Na imensa luta, Cristo é o mais forte, e Ele estará convosco e com todos aqueles que nele creem.

FIM

Vida e Obra de *Pietro Ubaldi*

(Sinopse)



O HOMEM

Pietro Ubaldi, filho de Sante Ubaldi e Lavínia Alleori Ubaldi, nasceu em 18 de agosto de 1886, às 20:30 horas (local). Ele escolheu os pais e a cidade onde iria nascer, Foligno, Província de Perúgia (capital da Úmbria). Foligno fica situada a 18 km de Assis, cidade natal de São Francisco de Assis. Até hoje, as cidades franciscanas guardam o mesmo misticismo legado à Terra pelo grande poverelo de Assis, que viveu para Cristo, renunciando os bens materiais e os prazeres deste mundo.

Pietro Ubaldi sentiu desde a sua infância uma poderosa inclinação pelo franciscanismo e pela Boa Nova de Cristo. Não foi compreendido, nem poderia sê-lo, porque seus pais viviam felizes com a riqueza e com o conforto proporcionado por ela. A Sra. Lavínia era descendente da nobreza italiana, única herdeira do título e de uma enorme fortuna, inclusive do Palácio Alleori Ubaldi. Assim, Pietro Alleori Ubaldi foi educado com os rigores de uma vida palaciana.

Não pode ser fácil a um legítimo franciscano viver num palácio. Naturalmente, ele sentiu-se deslocado naquele ambiente, expatriado de seu mundo espiritual. A disciplina no palácio, ele aceitou-a facilmente. Todos deveriam seguir a orientação dos pais e obedecer-lhes em tudo, até na religião. Tinham de ser católicos praticantes dos atos religiosos, realizados na capela da Imaculada Conceição, no interior do palácio. Pietro Ubaldi foi sempre obediente aos pais, aos professores, à família e, em sua vida missionária, a Cristo. Nem todas as obrigações palacianas lhe agradavam, mas ele as cumpriu até à sua total li-

bertação. A primeira liberdade se deu aos cinco anos, quando solicitou de sua mãe que o mandasse à escola, e aquela bondosa senhora atendeu o pedido do filho. A segunda liberdade, verdadeiro desabrochamento espiritual, aconteceu no ginásio, ao ouvir do professor de ciência a palavra “evolução”. Outra grande liberdade para o seu espírito foi com a leitura de livros sobre a imortalidade da alma e reencarnação, tornando-se reencarnacionista aos vinte e seis anos. Daí por diante, os dois mundos, material e espiritual, começaram a fundir-se num só. A vida na Terra não poderia ter outra finalidade, além daquelas de servir a Cristo e ser útil aos homens.

Pietro Ubaldi formou-se em Direito (profissão escolhida pelos pais, mas jamais exercida por ele) e Música (oferecimento, também, de seus genitores), fez-se poliglota, autodidata, falando fluentemente inglês, francês, alemão, espanhol, português e conhecendo bem o latim; mergulhou nas diferentes correntes filosóficas e religiosas, destacando-se como um grande pensador cristão em pleno Século XX. Ele era um homem de uma cultura invejável, o que muito lhe facilitou o cumprimento da missão. A sua tese de formatura na Universidade de Roma foi sobre *A Emigração Transatlântica, Especialmente para o Brasil*, muito elogiada pela banca examinadora e publicada num volume de 266 páginas pela Editora Ermano Loescher Cia. Logo após a defesa dessa tese, o Sr. Sante Ubaldi lhe deu como prêmio uma viagem aos Estados Unidos, durante seis meses.

Pietro Ubaldi casou-se com vinte e cinco anos, a conselho dos pais, que escolheram para ele uma jovem rica e bonita, possuidora de muitas virtudes e fina educação. Como recompensa pela aceitação da escolha, seu pai transferiu para o casal um patrimônio igual àquele trazido pela Senhora Maria Antonieta Solfaneli Ubaldi. Este era, agora, o nome da jovem esposa. O casamento não estava nos planos de Ubaldi, somente justificável porque fazia parte de seu destino. Ele girava em torno de outros objetivos: o Evangelho e os ideais franciscanos. Mesmo assim, do casal Maria Antonieta e Pietro Ubaldi nasceram três filhos: Vicenzina (desencarnada aos dois anos de idade, em 1919), Franco (morto em 1942, na Segunda Guerra Mundial) e Agnese (falecida em S. Paulo – 1975).

Aos poucos, Pietro Ubaldi foi abandonando a riqueza, deixando-a por conta do administrador de confiança da família. Após dezesseis anos de enlace matrimonial, em 1927, por ocasião da desencarnação de seu pai, ele fez o voto de pobreza, transferindo à família a parte dos bens que lhe pertencia. Aprovando aquele gesto de amor ao Evangelho, Cristo lhe apareceu. Isso

para ele foi a maior confirmação à atitude tão acertada. Em 1931, com 45 anos, Pietro Ubaldi assumiu uma nova postura, estarrecedora para seus familiares: a renúncia franciscana. Daquele ano em diante, iria viver com o suor do seu rosto e renunciava todo o conforto proporcionado pela família e pela riqueza material existente. Fez concurso para professor de inglês, foi aprovado e nomeado para o Liceu Tomaso Campailla, em Módica, Sicília – região situada no extremo sul da Itália – onde trabalhou somente um ano letivo. Em 1932 fez outro concurso e foi transferido para a Escola Média Estadual Otaviano Nelli, em Gúbio, ao norte da Itália, mais próximo da família. Nessa urbe, também franciscana, ele trabalhou durante vinte anos e fez dela a sua segunda cidade natal, vivendo num quarto humilde de uma casa pequena e pobre (pensão do casal Norina-Alfredo Pagani – Rua del Flurne, 4), situada na encosta da montanha.

A vida de Pietro teve quatro períodos distintos (v. livro *Profecias* – “Gênese da II Obra”): dos 5 aos 25 anos – formação; 25 aos 45 anos – maturação interior, espiritual, na dor; dos 45 aos 65 anos – Obra Italiana (produção conceptual); dos 65 aos 85 anos – Obra Brasileira (realização concreta da missão).

O MISSIONÁRIO

Na primeira semana de setembro de 1931, depois da grande decisão franciscana, Cristo novamente lhe apareceu e, desta vez, acompanhado de São Francisco de Assis. Um à direita e outro à esquerda, fizeram companhia a Pietro Ubaldi durante vinte minutos, em sua caminhada matinal, na estrada de Colle Umberto. Estava, portanto, confirmada sua posição.

Em 25 de dezembro de 1931, chegou-lhe de improviso a primeira mensagem, a *Mensagem de Natal*. Por intuição ele sentiu: estava aí o início de sua missão. Outras Mensagens surgiram em novas oportunidades. Todas com a mesma linguagem e conteúdo divino.

No verão de 1932, começou a escrever *A Grande Síntese*, a qual só terminou em 23 de agosto de 1935, às 23h00min horas (local). Esse livro, com cem capítulos, escrito em quatro verões sucessivos, foi traduzido para vários idiomas. Somente no Brasil, já alcançou quinze edições. Grandes escritores do mundo inteiro opinaram favoravelmente sobre *A Grande Síntese*. Ainda outros compêndios, verdadeiros mananciais de sabedoria cristã, surgiram nos anos seguintes, completando os dez volumes escritos na Itália:

- 01) *Grandes Mensagens*
- 02) *A Grande Síntese* – Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito
- 03) *As Noúres* – Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento
- 04) *Ascese Mística*
- 05) *História de Um Homem*
- 06) *Fragments de Pensamento e de Paixão*
- 07) *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*
- 08) *Problemas do Futuro*
- 09) *Ascensões Humanas*
- 10) *Deus e Universo*

Com este último livro, Pietro Ubaldi completou sua visão teológica, além de profundos ensinamentos no campo da ciência e da filosofia. *A Grande Síntese* e *Deus e Universo* formam um tratado teológico completo, que se encontra ampliado, esclarecido mais pormenorizadamente, em outros volumes escritos na Itália e no Brasil, a segunda pátria de Ubaldi.

O Brasil é a terra escolhida para ser o berço espiritual da nova civilização do Terceiro Milênio. Aqui vivem diferentes povos, irmanados, independentes de raças ou religiões que professem. Ora, Pietro Ubaldi exerceu um ministério imparcial e universal, e nenhum país seria tão adaptado à sua missão quanto a nossa pátria. Por isso o destino quis trazê-lo para cá e aqui completar sua tarefa missionária.

Nesta terra do Cruzeiro do Sul, ele esteve em 1951 e realizou dezenas de conferências de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Em oito de dezembro do ano seguinte, desembarcaram, no porto de Santos, Pietro Ubaldi acompanhado da esposa, filha e duas netas (Maria Antonieta e Maria Adelaide), atendendo a um convite de amigos de São Paulo para vir morar neste imenso país. É oportuno lembrar que Ubaldi renunciou aos bens materiais, mas não aos deveres para com a família, que se tornou pobre porque o administrador, primo de sua esposa, dilapidou toda a riqueza entregue a ele para gerencia-la.

Em 1953, Pietro Ubaldi retornou à sua missão apostolar, continuou a recepção dos livros e recebeu a última Mensagem, *Mensagem da Nova Era*, em São Vicente, no edifício “Iguaçu”, na Av. Manoel de Nóbrega, 686 – apto. 92. Dois anos depois, transferiu-se com a família para o Edifício “Nova Era” (coincidência, nada tem haver com a Mensagem escrita no edifício anterior), Praça 22 de

janeiro, 531 – apto. 90. Em seu quarto, naquele apartamento, ele completou a sua missão. Escreveu em São Vicente a segunda parte da Obra, chamada brasileira, porque escrita no Brasil, composta por:

- 11) ***Profecias***
- 12) ***Comentários***
- 13) ***Problemas Atuais***
- 14) ***O Sistema*** – Gênese e Estrutura do Universo
- 15) ***A Grande Batalha***
- 16) ***Evolução e Evangelho***
- 17) ***A Lei de Deus***
- 18) ***A Técnica Funcional da Lei de Deus***
- 19) ***Queda e Salvação***
- 20) ***Princípios de Uma Nova Ética***
- 21) ***A Descida dos Ideais***
- 22) ***Um Destino Seguindo Cristo***
- 23) ***Pensamentos***
- 24) ***Cristo***

São Vicente (SP), célula mater. do Brasil, foi a terceira cidade natal de Pietro Ubaldi. Aquela cidade praiana tem um longo passado na história de nossa pátria, desde José de Anchieta e Manoel da Nóbrega até o autor de *A Grande Síntese*, que viveu ali o seu último período de vinte anos. Pietro Ubaldi, o Mensageiro de Cristo, previu o dia e o ano do término de sua Obra, Natal de 1971, com dezesseis anos de antecedência. Ainda profetizou que sua morte aconteceria logo depois dessa data. Tudo confirmado. Ele desencarnou no hospital São José, quarto N^o 5, às 00h30min horas, em 29 de fevereiro de 1972. Saber quando vai morrer e esperar com alegria a chegada da irmã morte, é privilégio de poucos... O arauto da nova civilização do espírito foi um homem privilegiado.

A leitura das obras de Pietro Ubaldi descortina outros horizontes para uma nova concepção de vida.